

Aurélio Pinotti

Poemas de Marco Aurélio (excertos)

*

Que fique claro desde o início: não há qualquer indício de que o imperador Marco Aurélio (121-180) tenha publicado um único poema em grego ou latim. Ao contrário: uma carta do seu antigo mestre Cornelius Fronto indica que os poucos versos escritos por Marco (e que ele recitava “de forma tão atropelada que era impossível guardá-los na memória”) foram mantidos em segredo até se perderem irrevogavelmente. O que se apresenta neste livro, portanto, é a tradução de uma obra virtual – uma versão em português dos poemas que Marco Aurélio poderia ter escrito não apenas em sua diligente juventude, mas também nos anos maduros em que compôs os textos em prosa que chegaram até nós.

Por outro lado, devemos lembrar que o imperador tampouco escreveu um tratado filosófico intitulado *Meditações*, ainda que esse livro tenha sido lido com prazer, reverência e interesse por milhares (ou talvez milhões) de pessoas ao longo dos últimos séculos. Ao que tudo indica, o conjunto de textos que se abriga sob essa rubrica não foi escrito com o intuito de ser lido pela posteridade (ou mesmo pelos contemporâneos do autor) como um compêndio filosófico; trata-se, fundamentalmente, de notas pessoais, admoestações a si mesmo, exercícios espirituais no sentido que Pierre Hadot atribui a essa expressão. Como aponta Marcel van Ackeren, não há evidências de que qualquer outra pessoa tenha conhecido esses textos, ou mesmo sabido de sua existência, antes do fim do século IV.

O próprio termo utilizado por Marco Aurélio, *hypomnēmátia*, algo como “notas” ou “lembretes”, indica o caráter voluntariamente cru, aberto, fragmentário, descontínuo e heterogêneo das palavras que o autor (mas mesmo esse termo deve ser matizado) foi anotando ao longo de vários anos, sem se preocupar minimamente em fornecer referências que as tornassem mais inteligíveis para outros leitores além de si mesmo. O que se apresenta aqui, portanto, é uma poesia “simples e modesta”, que não busca sequer ser chamada de poesia. Não se trata de “versificar as *Meditações*” (seja lá o que essa expressão signifique), mas sim de recriar em português uma forma poética que mantenha viva a voz de Marco Aurélio: imagens ousadas, mas não exóticas; versos clássicos, mas não grandiloquos; poesia simples, mas inesgotável.

Quis o acaso ou o destino que eu também me chamasse Marco Aurélio, e essa coincidência arbitrária ou providencial determinou o título e o escopo deste livro: poemas em

que posso misturar livremente o rigor austero do imperador-filósofo e a imaginação extra-
viada de um péssimo discípulo, ciente de que o leitor arguto saberá atribuir a cada Marco
Aurélio o que por direito lhe pertence.

I.

Contempla tudo aquilo que adiaste,
inútil como um fruto apodrecido
em tuas mãos inertes.
O tempo passa, e passas tu também.
Se não cumpres a vida que te cabe,
que outro a cumprirá?

XVI.

O que era alheio permanece alheio:
riquezas, honras – despe-te de tudo.
Tudo é emprestado. Espera a morte nu
como esperavas, jovem, teu amor.

XLII.

Aceita o que te cabe sem orgulho
e sem raiva. Teu corpo, tua herança
de bens e equívocos, a inteligência
intermitente e falha que te guia,
tudo o que chamas teu é tão fortuito
e alheio e injusto quanto uma moeda
atirada no escuro sem propósito.

LX.

Nenhum grande palácio
te dará mais prazer
que o de uma mesa simples
com um livro à tua espera.

O corpo que provê
teu gozo mais intenso
não é o que anseias, sôfrego,
mas o teu, que nem notas.

O aplauso é só um ruído;
todo ouro é um brilho fátuo.
Tens quanto necessitas.
O resto é distração.

NOTA

* Aurélio Pinotti é romancista, dramaturgo, poeta, tradutor, ensaísta e performer. Entre 2016 e 2018, publicou mais de cem livros em plataformas virtuais, dentre os quais se destacam *O que é dramaturgia ultracontemporânea*, *One hundred years of ready-made*, *Freie Luft*, *Der Stall des Augias*, *Duchamp e nós*, *Poesia post umana*, *Powerless Pointless*, *À l'envers du vers* e *Notas sobre Pierre Menard*. Também realizou performances em Portugal, na Eslovênia, no Brasil e na Argentina. Os fragmentos acima, que o autor gentilmente nos deixou reproduzir neste número da *Elyra*, provêm do livro *Poemas de Marco Aurélio* (2017).